

Editorial / Editorial

A presente edição temática de *Tensões Mundiais* é dedicada à publicação de trabalhos apresentados na 4ª Conferência Ventana da América Latina: “Diálogos decoloniais desde dentro e além das margens globais”, realizada de forma presencial e *online*, de 5 a 7 outubro de 2022, na Universidade de York, Reino Unido. Os legados de impérios coloniais ainda estão presentes em diferentes âmbitos e processos cotidianos de acumulação, segregação, opressão, unidimensionalidade, extração e mais. Isso significa que a independência das colônias não implicou o fim do colonialismo. O sistema colonial e suas intrínsecas lógicas de modernidade e pensamento ocidental produziram dinâmicas e violências epistêmicas, delineando e influenciando a forma como percebemos o mundo. A equipe Ventana, formada por acadêmicos da Universidade de York, da Universidade Estadual do Ceará e da Universidad Nacional Autónoma de México, priorizou propostas que expandissem a forma como compreendemos e interagimos desde e com as margens globais. Durante a organização do evento, se procurou estabelecer uma sólida articulação entre pensadores, profissionais, pesquisadores e pessoas interessadas nas experiências da América Latina e da África.

Os artigos aqui publicados convidam à reflexão crítica sobre a persistência de estruturas e práticas coloniais, assim como sobre as alternativas de resistência e luta de comunidades marginalizadas, construindo pontes entre as diferentes esferas geográficas e de pensamento. Assim, o leitor pode acompanhar a discussão sobre diferentes perspectivas decoloniais a partir do Sul-Sul.

Iniciamos com os resultados de investigações desenvolvidas pelo Observatório das Nacionalidades. Recentemente, novas pesquisas empíricas e abordagens conceituais, com destaque para a mudança do paradigma de como se estudam as nações, têm desafiado nosso entendimento do processo nunca acabado

da construção das nacionalidades. Enriquecemos nossas leituras com algumas publicações (romances, ensaios e artigos acadêmicos), boa parte de autores africanos e latino-americanos, que não apenas questionam de forma crítica a literatura hegemônica sobre as nações e os nacionalismos, mas também contribuem com ideias sobre as interrelações de temas que nos interessam: literaturas, nacionalidades e colonialismos.

Nesse sentido, temos aprendido com o projeto sobre a cartografia social das comunidades imaginadas de Brasil, Cabo Verde e Guiné-Bissau. A partir dos conceitos de comunidade imaginada (Benedict Anderson) e de cartografia social (Gilles Deleuze e Félix Guattari), buscamos estabelecer uma grade teórico-metodológica capaz de orientar de forma sólida e renovada nossas investigações, aprofundando as confluências e afinidades entre estes autores. Ronaldo de Souza Lima, Natalia Monzon Montebello e Alana Aline Pinheiro assinam o primeiro artigo que traz uma síntese da experimentação analítica no estudo da ideia de nação, rompendo fronteiras disciplinares formais.

Além disso, temos refletido sobre os laços entre as distintas regiões e a nação que integram, quase sempre postergadas por aqueles que se debruçam sobre as origens e a consolidação das comunidades nacionais. Antonio Gramsci (questão meridional) e Benedict Anderson (comunidade imaginada) nos ajudam a pensar, em perspectiva histórica e comparativa, sobre aspectos decisivos para a percepção do Nordeste brasileiro no imaginário nacional. Este é o objetivo do trabalho apresentado por Caroline do Socorro da Silva Gomes, Luiz Felipe de Sousa Gomes, Larissa Januário de Castro e Mônica Dias Martins, cuja perspectiva teórico-metodológica são as insurreições no espaço nordestino, as representações culturais e as fragmentações políticas que tensionam a nação brasileira.

A representação do preconceito racial contra populações do Nordeste brasileiro é o tema abordado por Henrique Gomes, doutorando em Estudos Latinoamericanos na Universidade de Hong Kong. Ele discute, a partir do filme *Bacurau* (2019), as noções conflitantes de branquitude: uma opondo Sudeste e Nordeste do Brasil, outra apoiada na dicotomia Sul/Norte Global. A jovem

professora de arte Luciane Benites Hersing faz uma leitura crítica do longa-metragem *A que horas ela volta* (2015), dirigido pela cineasta Anna Muylaert. A narrativa destaca as relações sociais entre patrão e empregada que revelam a continuidade da ideologia colonialista presente ainda hoje nos processos de discriminação de classe.

Na mesma perspectiva, o perspicaz artigo de Monica Mastrantonio lança luz sobre as realizações literárias de três escritoras brasileiras notáveis: Maria Carolina de Jesus, Hilda Hilst e Clarice Lispector. A professora visitante da Universidade de York explora como essas mulheres desafiaram as limitações sociais e, apesar de suas condições de repressão, injustiça e falta de oportunidades, elas foram capazes de produzir literatura inovadora que continua a inspirar os leitores hoje. Seu artigo destaca como elas se recusaram a ser confinados por suas origens, em vez disso, mergulhando profundamente em seu eu interior para produzir narrativas que dão voz àqueles que foram silenciados na sociedade. Suas obras inovadoras e multifacetadas vão além dos modelos literários tradicionais, construindo novos sistemas e trazendo iluminação aos leitores que buscam entender o mundo e a si mesmos. Além disso, o artigo nos mostra a importância de descolonizar currículos, usando as obras dessas autoras para ensinar os leitores sobre as lutas e dores enfrentadas por aqueles que foram marginalizados. As vozes proibidas dos escritores do Sul foram deixadas de lado por não se encaixarem ou não serem totalmente compreendidas, mas seu trabalho continua a se elevar e a nos ensinar que é possível produzir novas línguas, ousar e descolonizar a si mesmo.

Madeline Soiney aborda o problema da marginalização e discriminação experimentado por imigrantes haitianos e haitianos-dominicanos na República Dominicana. Seu artigo examina a ligação entre linguagem e dominação como uma marca de racismo e exclusão, discutindo como a linguagem tem sido usada como uma ferramenta para reforçar a dinâmica de poder e manter o *status quo* daqueles considerados “verdadeiros dominicanos”. O autor fornece uma análise crítica do conceito de “dominicanidad”, que é a identidade cultural e legal de ser dominicano. Madeleine

mostra como o uso do espanhol, como língua oficial da República Dominicana, e a rejeição do crioulo haitiano têm sido usados para negar aos imigrantes haitianos e seus descendentes direitos de cidadania.

O artigo a seguir, de autoria de Rachel Augusto, desloca ligeiramente a narrativa para o colonialismo, mostrando uma face mais ativa das perspectivas descolonizadas. A doutoranda na Universidade Nova de Lisboa utiliza imagens de um veleiro em duas obras de arte de Grada Kilomba, o *Padrão dos Descobrimentos* e *O Barco*, para retratar visões opostas sobre o colonialismo e as suas consequências, como a escravatura. Ela analisa como o público responde a essas obras de arte e como elas desafiam as estruturas de poder eurocêntricas perpetuadas pelo colonialismo. Este artigo também discute o papel da arte na expressão de crenças políticas e sociais e o significado das teorias (des)coloniais nas discussões sobre identidades nacionais ou “ativismo”. Rachel argumenta que essas obras de arte representam a luta contínua para reconciliar o passado colonial e o presente e que desafiam as narrativas dominantes que perpetuam perspectivas eurocêntricas. Seu artigo fornece uma análise matizada de como essas obras de arte provocam discussões sobre identidade, história e dinâmica de poder. Além disso, destaca a importância da arte na formação do discurso público.

O artigo de Laura Revilla explora diferentes noções dos conceitos de patrimônio e segurança no México, através de uma lente decolonial. A autora critica a hierarquia de conhecimento e poder imposta pelas visões eurocêntricas. Ela fornece uma nova compreensão desses tópicos a partir de uma metodologia “de baixo para cima” dentro da antropologia, que leva em consideração outras formas de conhecimento que foram deixadas de lado ou desacreditadas pela modernidade, como as comunidades locais. Este estudo examina as conexões entre esses dois tópicos em uma relação conversacional entre fontes de informação empíricas e conceituais. Revilla propõe uma estrutura diferente para a criação de conhecimento, usando práticas decoloniais, perspectivas críticas e construtivismo.

As perspectivas colonialistas de gênero nos livros didáticos franceses, com foco na representação da masculinidade argelina, é o assunto abordado por Lynda Zeroukhi. Ela chama a atenção para a limitada atenção acadêmica dada à identidade masculina nas lentes pós-coloniais e decoloniais nos livros didáticos. A pós-doutoranda visitante na Universidade de Leeds observa que os livros didáticos glorificam o passado (pré-)colonial da Argélia, apresentando uma visão estreita da masculinidade que reforça as estruturas de poder patriarcais. Seu artigo destaca a necessidade de desafiar a emasculação colonial dos homens argelinos e promover uma representação mais inclusiva e diversificada da masculinidade na educação. Zeroukhi oferece uma análise crítica da dinâmica de poder em jogo nas representações da masculinidade em livros didáticos de língua estrangeira de francês. Além disso, o artigo contribui com *insights* valiosos sobre as interseções entre masculinidade, colonialismo e educação, bem como incentiva discussões contínuas sobre descolonização e promoção de diversas representações de gênero na educação.

Encerramos esta variada e rica edição com um trabalho de Hamilton Ernesto Matisimbe, doutorando em História na Universidade Federal do Espírito Santo. Ele investiga a presença de organizações não-governamentais (ONGs) internacionais em sua terra natal, Moçambique, na tentativa de entender sua proliferação desde os anos 1980. O autor aponta para fatores como a guerra civil e as calamidades naturais (ciclone, cheia, seca etc.) que provocaram fortes impactos na economia nacional, possibilitando que organismos multilaterais, a exemplo do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, introduzissem políticas de privatização e facilitassem a penetração de capital estrangeiro. Deste modo, em um contexto de crise global, a cooperação internacional marca o começo de um ciclo infindável de endividamento e dependência, agravado com a intervenção de ONGs desenvolvendo atividades humanitárias e assistencialistas, na área de segurança alimentar, produção agrícola, saúde e educação.

Desejamos uma boa leitura!